

Destino dado. As formas do amor em Grande sertão: veredas

Given destiny. The forms of love in Grande sertão: veredas

Resumo

Neste artigo, tenho a intenção de analisar a trama amorosa do romance *Grande sertão: veredas*, a fim de mostrar sua articulação com a trama épica (as guerras entre jagunços). Procuo mostrar que Guimarães Rosa desenvolve uma dialética entre dois extremos: o amor carnal, ou desejo erótico, simbolizado pela prostituta Nhorinhá, e o amor espiritual, ou paixão romântica, simbolizado pela noiva Otacília. A relação do protagonista Riobaldo com essas duas personagens é atravessada pelo ciúme de seu amigo Diadorim, expressão de um amor proibido no qual aqueles dois extremos se misturam. A partir de certas passagens do romance, discuto a caracterização de Diadorim como figuração da máxima ambiguidade, que é o princípio articulador da narrativa. Nessa figuração, a mistura dos elementos opostos (o feminino e o masculino, a delicadeza e a ferocidade, o ódio e o desejo) articula a trama amorosa não só com a trama épica do romance, mas também com o seu tema metafísico-religioso (a especulação sobre Deus e o diabo).

Palavras-chave: Diadorim, amor, ambiguidade, desejo

* Universidade Federal Fluminense (UFF). Contato: pedrosuss@gmail.com

Recebido em: 17/02/2024 Aceito em: 21/03/2024

Abstract

In this paper, I intend to analyze the love plot of the novel Grande sertão: veredas, in order to demonstrate its connection with the epic plot (the wars between jagunços). I try to describe how Guimarães Rosa develops a dialectic between two extremes: carnal love, or erotic desire, symbolized by the prostitute Nhorinhá, and spiritual love, or romantic passion, symbolized by the bride Otacília. The protagonist's relationship with these two characters is crossed by the jealousy of his friend Diadorim, an expression of a forbidden love in which those two extremes are interconnected. Based on certain passages of the novel, I discuss the characterization of Diadorim as a symbol of maximum ambiguity, which is the articulating principle of the narrative. The mixture of opposing elements (feminine and masculine, delicacy and ferocity, hatred and desire) articulates the love plot not only with the epic plot of the novel, but also with its metaphysical-religious theme (the speculation about God and the devil).

Keywords: Diadorim, love, ambiguity, desire

*O amor comeu minha paz e minha guerra. Meu dia e minha noite.
Meu inverno e meu verão.
João Cabral de Melo Neto*

O princípio da ambiguidade

“Tudo tem seus mistérios”, constata Riobaldo, o narrador de *Grande sertão: veredas*, ao falar de seu amor por Diadorim (p. 211).¹ Esse nome aparece pela primeira vez no romance de modo quase casual, evocado pela lembrança de uma situação de vida e morte em que o protagonista, escapando de um tiroteio, vai parar no oco de um grotão, no meio do mato. A cena desse tiroteio, descrita pelo narrador a um interlocutor chamado apenas de “o senhor”, é

1 João Guimarães Rosa. *Grande sertão: veredas*. 22ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. Nas citações do romance, as páginas dessa edição aparecerão entre parênteses.

também a confissão de que Riobaldo, agora um velho fazendeiro, foi um jagunço quando jovem. Como ocorrerá a partir de então em muitos dos eventos narrados, Diadorim faz parte de uma lembrança dentro da lembrança que é a própria narração, pois o velho Riobaldo está falando de um episódio no qual ele, no passado, foi levado a pensar alguma coisa – neste caso a recordar alguém que, naquele momento, estava distante: “Conforme pensei em Diadorim. Só pensava era nele. Um João-congo cantou. Eu queria morrer pensando em meu amigo Diadorim” (p. 22).

Em meio a uma série de especulações religiosas sobre o diabo, o narrador comenta que “mocidade é tarefa para mais tarde se desmentir” e faz questão de deixar claro que está cercado de homens de confiança, todos ex-jagunços também, armados e de prontidão, mas que agora vive em paz, para sua mulher. “Bem-querer de minha mulher foi que me auxiliou, rezas dela, graças”, ele diz. “Amor vem de amor” (p. 24). Mas, ao usar a palavra “amor”, volta a lhe ocorrer o nome daquele mesmo personagem, agora como evocação atual, no presente: “Em Diadorim, penso também – mas Diadorim é minha neblina” (p. 25).

Considero que, expressando uma ideia de indistinção, a alegoria usada para definir Diadorim anuncia sua caracterização como signo máximo da ambiguidade que permeia toda a narrativa. De acordo com uma definição dada pelo crítico Antonio Candido, num dos primeiros estudos publicados sobre o romance, “Diadorim é uma experiência reversível que une fasto e nefasto, lícito e ilícito, sendo ele próprio duplo em sua condição”, símbolo da “suprema ambiguidade”, entre as diversas ambiguidades que fazem parte desse livro guiado pelo “grande princípio geral da reversibilidade”.²

A ideia de alguém que é “duplo em sua condição” remete, evidentemente, à revelação do segredo que o narrador guarda de seu interlocutor até quase o final do livro: o de que Diadorim, que todos conheciam como sendo o jagunço Reinaldo, tinha corpo de mulher. Riobaldo descobre isso apenas quando o corpo vai ser lavado para se enterrar, o que enfatiza o caráter trágico da trama amorosa de *Grande sertão: veredas*. Pois a perda da pessoa amada vem junto com uma promessa, mesmo que só imaginada, de possível realização daquele amor que tinha sido, ao longo de todo o romance, mistura de prazer e tormento. Nesse sentido, a descoberta do corpo de mulher que estava escondido até então pela identidade masculina pode ser encarada como potencial suspensão do que havia de proibido no amor, ou seja, da interdição da

2 Antonio Candido. “O homem dos avessos”, in *Tese e Antítese*, Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006, p. 115 e p. 125.

homossexualidade no ambiente social machista dos jagunços, de acordo com uma moralidade que a concebia como “senvergonhice”, “vícios desencontrados”, tendo como referência uma autoimagem de “homem muito homem que fui, e homem por mulheres” (p. 110).

Em *As formas do falso*, Walnice Galvão tomou como ponto de partida aquela avaliação de Diadorim proposta por Antonio Candido para defender que a questão central da narrativa de *Grande sertão: veredas* é a própria ambiguidade, “princípio organizador desse romance”, que “atravessa todos os seus níveis”, pois “tudo se passa como se hora fosse, hora não fosse, as coisas às vezes são e às vezes não são”.³ Na trama amorosa do romance, esse princípio organizador ganha forma, portanto, na pessoa de Diadorim, em que se misturam elementos femininos e masculinos, brandura e coragem, afetuosidade e violência, amor e morte.

A ambiguidade também é destacada por Davi Arrigucci Júnior, que a chama de “princípio da mistura”. Ele observa que, nessa “história de uma busca de vingança, incitada e tensionada pela paixão amorosa”, amor e morte se encontram “em estreita liga numa demanda aventureira puxada pelo fio [...] de Diadorim”.⁴ O crítico leva em conta, assim, que o começo da história desse amor encoberto em amizade decide o destino de Riobaldo quando jovem, levando-o a tornar-se um jagunço e a participar da história de vingança que motiva a guerra entre bandos inimigos no sertão.

No romance de Guimarães Rosa, uma trama épica e uma trama amorosa se mostram o tempo todo misturadas, entrecruzadas. A primeira consideração direta sobre o que o protagonista sente por Diadorim surge da lembrança de outra experiência amorosa, no primeiro episódio importante da vida de jagunço de Riobaldo, o da tentativa de travessia do Liso do Sussuarão sob o comando do chefe Medeiro Vaz, para atacar de surpresa o refúgio do chefe inimigo, o Hermógenes. Antes do início dessa travessia, o protagonista conhece Nhorinhá, filha de uma “dona adivinhadora” chamada Ana Duzuza que lhe revela o projeto secreto do chefe do bando (p. 31). Decorre daí uma situação de desentendimento com Diadorim, marcada pelo ciúme de parte a parte. O foco da narrativa se desloca então para o diálogo entre os personagens, lembrado pelo protagonista-narrador. O ponto de partida desse diálogo é uma sentença de Diadorim: – “Essa velha Ana Duzuza é que inferna e não se serve...

3 Walnice Galvão. *As formas do falso*, São Paulo: Perspectiva, 1972, p. 12.

4 Davi Arrigucci Júnior. “O mundo misturado: romance e experiência em Guimarães Rosa”. In: *Grande sertão: veredas*, p. 487.

Das perguntas que Medeiro Vaz fez, ela tirou por tino a tenção dele, e não devia de ter falado as pausas... Essa carece de morrer, para não ser leleira..." (p. 33).

Quanto à caracterização do personagem, a ameaça mostra seu lado terrível, violento: "Diadorim era assim: matar, se matava – era para ser um preparo. O judas algum? – na faca! Tinha de ser nosso costume." Mas Riobaldo sente pena da velha e se dá conta de que, caso a matassem, podiam assassinar também a moça Nhorinhá. Ele conta:

Ah, que se puxou de mim uma decisão, e eu abri sete janelas: – “Disso que você disse, desconvenho! Bulir com a vida dessa mulher, para a gente dá atraso...” – eu o quanto falei. Diadorim me adivinhava: – “Já sei que você esteve com a moça filha dela...” – ele respondeu, seco, quase num chio. Dente de cobra. Ai, entendi o que pra verdade: que Diadorim me queria tanto bem, que o ciúme dele por mim também se alteava. (GSV, p. 33).

Nota-se na passagem uma tensão dramática que, usando o destino de Ana Duzuza como pretexto, revela os sentimentos em jogo entre os dois interlocutores. De imediato, a explícita demonstração de ciúme por ele ter estado com uma mulher leva Riobaldo a ameaçar deixar o bando: "E eu quase gritei: – ‘Ai é a intimação? Pois, fizerem, eu saio do meio de vós, pra todo o nunca. Mais tu há de não me ver!...’" (p. 34). Quando Diadorim põe a mão em seu braço com doçura, no susto daquela ameaça de deserção, "era como tivesse uma pedra pontuda entre as duas palmas". Riobaldo ouve a pergunta: – "Você já paga tão escasso então por Joca Ramiro? Por conta duma bruxa feiticeira, e a má-vida da filha dela, aqui neste confim de gerais?!".

O impasse leva a uma revelação por parte de Diadorim: "“Riobaldo, escuta, pois então: Joca Ramiro era o meu pai...” – ele disse – não sei se estava pálido muito, e depois foi que se avermelhou" (p. 34). Mas a surpresa dessa revelação, de grande importância para a trama épica do romance, não é suficiente para desfazer a tensão dramática que diz respeito ao desenvolvimento da trama amorosa.

Como está narrando o episódio anos depois, já velho, Riobaldo pode contrapor o que ele teve vontade de dizer com o que de fato disse: "Vontade minha foi declarar: – Redigo, Diadorim: estou com você, assente, em todo sistema, e com a memória de seu pai!... Mas foi o que eu não disse". Ele mesmo não sabe por que, em vez de dizer isso, por afeto e por compromisso, acabou respondendo: "Pois, para mim, pra quem ouvir, no fato essa Ana Duzuza fica sendo minha mãe" (p. 35).

Ao insistir em igualar a velha bruxa dos confins dos gerais e o chefe por quem todos guerreavam, e que era o pai de Diadorim, a resposta é uma espécie de desafio, uma demonstração da vontade de Riobaldo de ser “dono de si”, por reconhecer que seu destino está preso a Diadorim. Com isso, por trás da tensão dramática, na conversa carregada de ódios e de ciúmes, em torno de Nhorinhá, e de Ana Duzuza e de Joca Ramiro, o narrador identifica afinal, como motivação, o amor que sentia: “Esperei o que vinha dele. De um aceso, de mim eu sabia: o que compunha minha opinião era que eu, às loucas, gostasse de Diadorim, e também, recesso dum modo, a raiva incerta, por ponto de não ser possível dele gostar como queria, no honrado e no final” (p. 35).

Esse assunto remete o narrador de volta às reflexões religiosas que ele vinha fazendo antes do episódio, em busca da confirmação de seu interlocutor de que o diabo não existe. Recupera-se assim o tema principal das diversas especulações e casos da primeira parte do romance, e por outro lado se anuncia a entrada do bando no Liso do Sussuarão, área desértica que será descrita como uma instância infernal: “raso pior havente”, “escambo dos infernos”, “quando a gente entesta com aquilo o mundo se acaba: carece de voltar, sempre” (pp. 31, 32).

Amor de prata e amor de ouro

Quando a questão do amor por Diadorim volta a aparecer de maneira explícita em *Grande sertão: veredas*, a ambivalência do sentimento aparece como proibição, que remete ao tema metafísico-religioso do romance. Riobaldo está contando então um episódio muito anterior de sua vida, o de seu reencontro com o Menino com o qual tinha atravessado de canoa o rio São Francisco e que agora é o moço Reinaldo – “Os olhos verdes, semelhantes grandes, o lembrável das compridas pestanas, a boca melhor bonita, o nariz fino...” –, reencontro que “se deu sem o razoável comum, sobrefalseado, como do que só em jornal e livro é que se lê” (p. 105). Mas a lembrança de Reinaldo, cujo nome verdadeiro, Diadorim, ele ainda não conhecia naquela ocasião, leva o narrador a falar também de Otacília, “toda exata, criatura de belezas”, amor perfeito e prometido. Só muito mais tarde, o interlocutor (assim como o leitor do romance) ficará sabendo que Otacília é a mulher de Riobaldo, a quem ele já tinha se referido nas primeiras páginas do livro. Há uma comparação entre esses dois amores: “Se um aquele amor veio de Deus, como veio, então – o outro?... Todo tormento” (p. 106).

Riobaldo retoma, no episódio do reencontro, uma comparação que já tinha feito ao narrar a travessia Liso do Sussuarão, mencionando o mesmo sentimento que lhe ocorrera em intervalo daquela jornada impossível e

torturante pelo “miolo mal do sertão” (p. 42). Naquele lugar, ele conta que tinha sentido saudade de Otacília, moça que dava amor por ele e que “existia nas Serras dos Gerais – Buritis Altos, cabeceira de vereda – na Fazenda Santa Catarina”. A evocação desse amor tinha provocado esta comparação: “Otacília, ela queria viver ou morrer comigo – que a gente se casasse. Saudade se susteve curta. [...] Mas os olhos verdes sendo os de Diadorim. Meu amor de prata e meu amor de ouro” (p. 44).

Ao retomar a comparação quando fala de seu encontro com o moço Reinaldo, o narrador inclui a consideração de um terceiro amor, que remete também ao episódio do Liso já mencionado: “Digo: afora esses dois – e aquela mocinha Nhorinhá, da Aroeirinha, filha de Ana Duzuza – eu nunca supri outro amor, nenhum” (p. 106). A inclusão é importante por mostrar que, conforme comentou Benedito Nunes, a trama amorosa de *Grande sertão: veredas* envolve “três paixões qualitativamente diversas”.⁵ Otacília representa, quanto ao desenvolvimento do tema erótico no livro, o extremo oposto de Nhorinhá. Enquanto esta aparece como representação do amor carnal, ou sensual – “recebeu meu carinho no cetim do pelo”, (p. 31), “prostituta, pimenta branca, boca cheirosa” (p. 141), “gosto bom ficado em meus olhos e minha boca” (p. 77), “puta e bela” (p. 225) –, Otacília representa o amor ideal, romântico, como a princesa prometida dos romances de cavalaria, “guardada macia e fina em sua casa-grande, sorrindo santinha no alto da alpendrada” (p. 143), “noiva”, “donzela formosíssima” (p. 404).

Trata-se de três espécies de amor que, segundo Nunes, podem ser compreendidas como “estágios de um mesmo impulso erótico, que é primitivo e caótico em Diadorim, sensual em Nhorinhá e espiritual em Otacília”.⁶ O crítico identifica, no movimento entre a dimensão sensual e a espiritual da experiência amorosa, uma referência filosófica, pois ele remeteria a “uma ideia mestra do platonismo, colocada, porém, numa perspectiva mística heterodoxa”. Ou seja, a relação entre esses estágios traduziria “um escalonamento semelhante ao da dialética ascensional, transmitida por Diotima a Sócrates em *O baquete* de Platão”, uma vez que “eros, geração de beleza, desejo de imortalidade, eleva-se gradualmente, do sensível ao inteligível, do corpo à alma, da carne ao espírito, num perene esforço de sublimação”.⁷

5 Benedito Nunes. “O amor na obra de Guimarães Rosa”. A *Rosa o que é de Rosa, A Rosa o que é de Rosa: literatura e filosofia em Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2013 p. 38. O ensaio foi publicado pela primeira vez em *O dorso do tigre*, de 1969.

6 *Ibid.*, p. 39.

7 *Ibid.*

Levando em conta as formas opostas de amor, chamo a atenção para a dubiedade de Diadorim no episódio do reencontro com o Menino, que marca o início do desenvolvimento da relação amorosa central do romance. Da mesma maneira que o Menino chamara a atenção de Riobaldo para a beleza das flores e dos bichos do rio, anos antes, Reinaldo ensina o jovem Riobaldo a “se parar apreciando, por prazer de enfeite, a vida mera deles pássaros”. E, assim como Menino lhe parecera “aseado e forte”, Reinaldo o perturba pela “macieza da voz, o benquerer sem propósito, o caprichado ser – e tudo num homem-d’arma, brabo jagunço” (p. 80 e p. 108).

Segundo a avaliação de Nunes, a relação com Diadorim escapa da dialética entre o carnal e o espiritual. Trata-se de uma paixão dúbia, ao mesmo tempo idílica e ameaçadora, que o crítico relaciona com o mito da Criança Primordial, ou Criança Divina. A dubiedade do gênero sexual e dos elementos masculinos e femininos se configura como uma *androgínia*, característica da divindade nas religiões arcaicas, ligando-se assim ao “mito da origem divina da alma e de seu final retorno à Unidade”.⁸

Também em *O banquete*, de Platão, o andrógino aparece no discurso do comediógrafo Aristófanes como imagem de um tempo arcaico, primordial, anterior à divisão da humanidade em dois sexos, a fim de explicar o amor como força de atração para reconstituir a completude perdida. “Diadorim, ser andrógino, é ao mesmo tempo divino e diabólico”, sentencia Nunes.⁹ Ele é o Menino que ensina o protagonista a perceber as belezas da vida e, ao mesmo tempo, o guerreiro que impõe, pelo compromisso com a vingança, portanto com a morte, a necessidade do pacto com o diabo.

A designação do personagem apenas como “o menino”, no primeiro encontro narrado, reforça essa referência mítica. Aquele menino era “muito diferente”, com “finas feições, a voz mesma, muito leve, muito aprazível”, com “uma mão bonita, macia e quente” que deixa o protagonista perturbado (pp. 79, 80). No passeio de canoa que eles fazem juntos, aquele menino mostra os bichos cágados nas pedras e chama a atenção para “as muitas flores, subitamente vermelhas, de olho-de-boi e de outras trepadeiras, e as roxas, do mucunã”. Como observa Ana Luiza Martins Costa: “No relato de seu passado,

8 *Ibid.*, p. 67.

9 *Ibid.*, p. 69.

Riobaldo atribui a Diadorim o lugar de mestre e iniciador: dotado de uma visão poética do mundo, é ele quem inicia e ensina Riobaldo a enxergar as belezas todas do sertão, desde o seu primeiro encontro...”.¹⁰

Enquanto descem de canoa o rio de-Janeiro, em meio às flores e ao voo dos bandos de periquitos e das araras, a impressão que o menino causa, seguindo a lembrança do narrador, parece elevá-lo do mundo terreno, quase como uma criatura divina, aproximando-o assim da dimensão espiritual, idealizada, da experiência do amor:

Ele, o menino, era dessemelhante, já disse, não dava minúcia de pessoa outra nenhuma. Comparável um suave de ser, mas asseado e forte – assim se fosse um cheiro bom sem cheiro nenhum sensível – o senhor representante. As roupas mesmas não tinham nódoa nem amarrotado nenhum, não fuxicavam. A bem dizer, ele pouco falasse. Se via que estava apreciado o ar do tempo, calado e sabido, e tudo nele era segurança em si. Eu queria que ele gostasse de mim. (GSV, p. 80).

Por outro lado, há na sequência do episódio uma cena que situa aquele menino no plano do amor carnal e mostra, de maneira direta, sua ambivalência, sua androginia. Ela se passa depois da descida do de-Janeiro e da travessia do rio São Francisco, quando os dois se sentam em um lugar isolado, em meio a um bambuzal perto da margem, e são surpreendidos pela chegada de um rapaz mais velho, “altado, forte, com as feições muito brutas”. Ele faz um gesto indecente depois de perguntar o que eles estavam fazendo ali e, insinuando assim um encontro sexual, exige: “Também quero!”. Para a surpresa de Riobaldo, que fica amedrontado e indignado, sem saber o que fazer, o menino imita com sua fala e jeito uma mulher, chamando com voz bonita: “Você, meu nego? Está certo, chega aqui...” (p. 83).

Se a atuação do menino imitando uma mulher pode ser considerada uma indicação, já naquele primeiro encontro, do segredo que será revelado no final do livro, no episódio o desfecho daquela imitação de mulher reforça, para Riobaldo, a valentia e a serenidade que o menino tinha demonstrado durante a travessia do rio, associadas agora a uma insuspeitada violência. Em lance rápido, como um bote de cobra, ele acerta um golpe de faca na coxa do rapaz e o faz fugir gritando. Depois disso, mostra-se de novo tranquilo, limpa a faca

10 Ana Luiza Martins Costa. “Diadorim, delicado e terrível” SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 5, n. 10, p. 38-52, 1º sem. 2002, p. 47

“com todo capricho” e repete para o protagonista, quando este quer ir embora por medo de que o rapaz pudesse voltar, a lição que lhe dera na canoa: “Carece de ter coragem. Carece de ter muita coragem...” (p. 83).

O desejo manifestado por Riobaldo em relação àquele primeiro encontro, de que o menino gostasse dele também, retorna anos depois, quando os dois se reencontram. E essa reciprocidade parece se confirmar, por exemplo, quando o moço Reinaldo pergunta “Riobaldo, nós somos amigos, de destino fiel, amigos?” (p. 111). A descrição do prazer desse reencontro o associa, de início, a um afeto especial, “estabelecimento forte”, amor que é “destino dado, maior que o miúdo” (pp. 104, 105). Mas, de dentro desse sentimento elevado, que leva o narrador a perguntar se “um amor assim pode vir do demo”, vem depois o rebaixamento – “felicidadezinha”, “prazer fofo, perturbado” – que remete novamente à dimensão do desejo sexual. A rememoração desse sentimento contraditório exige uma explicação do narrador para o interlocutor:

Pensar mal é fácil, porque esta vida é embrejada. A gente vive, eu acho, é mesmo para se desiludir e desmisturar. A senvergonhice reina, tão leve e leve pertencidamente, que por primeiro não se crê no sincero sem maldade. Está certo, sei. Mas ponho minha fiança: homem muito homem que fui, e homem por mulheres! – nunca tive inclinação pra aos vícios desencontrados. Repilo o que, o sem preceito. Então – o senhor me perguntará – o que era aquilo? (GSV, p. 110).

Fica evidente, nessa explicação, uma lógica heteronormativa, que se insere em contexto social marcado pelo machismo e pelo patriarcalismo. Esse contexto pode ser delineado, por exemplo, a partir de momentos da narração em que Riobaldo, ele mesmo sendo filho bastardo de um fazendeiro, criado por mãe pobre e abandonada, alude aos abusos e às violências de que as mulheres eram vítimas no mundo dos jagunços. Destaco neste caso as considerações que ele faz, quando fala a respeito do acampamento chefiado pelo Hermógenes, sobre o “costume perpétuo” de violentar mulheres. “E eu era igual àqueles homens?”, o narrador se pergunta, comparando-se com os jagunços que, “com não terem mulher nenhuma lá”, “sacolejavam bestidades” e, “quando estavam precisando, eles tinham aca, almiscravam”, “achavam, manejavam” (p. 128).

Em termos de desejo, Riobaldo avalia que era igual aos outros sim, mas que Deus o “livrou de endurecer nesses costumes perpétuos”. O protagonista-narrador conta, então, duas experiências suas de violência sexual. Na primeira, a moça bonita “tanto gritava, que xingava, tanto me mordida, e as

unhas tinha”, até que, no final “abriu os olhos, aceitou minha ação, arfou seus prazeres, constituído milagre”. Mas na segunda, uma outra moça, “moreninha miúda”, “se sujeitou fria estendida”, “como se fosse de pedras e terra” e o aguentou “num rezar”. Isso o fez desistir: “larguei com ela o dinheiro meu, eu mesmo roguei pragas” (p. 129). E ele diz que, a partir de então, nunca mais abusou de mulheres, mas, pelas ocasiões que teve e que de lado deixou, acredita que Deus lhe dará alguma recompensa.

Nessa passagem, chamo a atenção para uma pequena observação: “Mulher é gente tão infeliz...’ – me disse Diadorim, uma vez, depois que tinha ouvido as estórias” (p. 129). Além de ser uma pista de uma das possíveis motivações que levaram o personagem a assumir a identidade masculina do jagunço Reinaldo, a frase denuncia, em brevíssima interposição no meio do discurso do narrador, uma avaliação daquelas práticas de violência sexual segundo outro ponto de vista, diferente do dele.

Ora, essa demonstração do machismo do contexto social enquadra o dilema do desejo amoroso vivido pelo narrador. Como explicar sua atração por outro homem, se ele era “homem por mulheres”? Aquele amor proibido viria do demo, como tentação para “vícios desconhecidos”? – Quando admite que gostava do amigo Reinaldo, Riobaldo se pergunta se ele mesmo “não entendia o que aquilo era”. Aquela “mandante amizade” lhe parecia um feitiço, coisa-feita que o fazia duvidar de seus próprios pensamentos: “Sei que sim. Mas não. E eu mesmo entender não queria” (p. 110).

Conforme já comentei, os episódios do encontro e do reencontro com o Menino, seguidos pelas reflexões do narrador, indicam o início do desenvolvimento da trama amorosa central do romance. Um momento decisivo do episódio do reencontro é a revelação do verdadeiro nome do jagunço Reinaldo, depois de estabelecida a amizade: “Pois então: o meu nome, verdadeiro, é Diadorim...Guarda este meu segredo. Sempre, quando sozinhos a gente estiver, é de Diadorim que você deve de me chamar” (p. 116). Mas o desenvolvimento da trama amorosa fica como que subordinado, por algum tempo, a uma história de aventuras e de guerras, trama épica que põe em primeiro plano, na narrativa, as experiências de Riobaldo como jagunço, seu tormento sob a chefia do Hermógenes, chefe violento e diabólico, e sua participação nas primeiras batalhas contra os homens de Zé Bebelo, o fazendeiro que pretendia livrar o sertão da jagunçagem.

Mesmo que a relação amorosa seja mencionada muitas vezes pelo narrador, ela se mistura às descrições do convívio com os jagunços e das próprias batalhas. Essa mistura serve também para reforçar a ambiguidade de Diadorim, ao mesmo tempo moço delicado e guerreiro terrível, pronto para matar:

O Reinaldo. Diadorim, digo. Eh, ele sabia ser homem terrível. Suspa! O senhor viu onça: boca de lado e lado, raivável, pelos filhos? Viu o rusgo de touro no alto campo, brabejando; cobra jararacussu emendando sete botes estalados; bando doido de queixadas se passantes, dando febre no mato? E o senhor não viu o Reinaldo guerrear!... Essas coisas se acreditam. O demônio na rua no meio do redemunho... (GSV, p. 118)

O trecho introduz a narrativa do que ocorreu logo depois da chegada ao acampamento, quando um jagunço chamado Fancho-Bode faz um gracejo sobre a aparência de Reinaldo: “Fumacinha é do lado – do delicado”. Depois de “um safano nas queixadas e uma sobarbada”, Diadorim “deu com o Fancho-Bode todo no chão, e já se curvou em cima: o punhal parou ponta diantinho da goela do dito, bem encostado no gogó, da parte de riba, para se cravar deslizado com bom apoio...” (p. 119). Em situações como essa, conforme observa Martins Costa, a ferocidade e o prazer na luta demonstrados por Diadorim “exercem em Riobaldo uma estranha atração, misto de horror e fascínio”.¹¹

Perto do céu

Depois das primeiras batalhas, quando o protagonista se encontra de novo acampado com o bando sob a chefia de Hermógenes, há um momento em que a trama amorosa do romance fica em primeiro plano, já que a narração se concentra especialmente no sofrimento causado pela ausência de Diadorim. Continuação da história de amor entre os dois personagens principais, esse intervalo das batalhas se estende por muitos dias, desde a notícia de que Reinaldo estava ferido até um novo reencontro, que desfaz todo o peso daquele sofrimento (pp. 159-173). Mas, nessa parte do livro que descreve as primeiras experiências de Riobaldo como jagunço, o principal episódio da trama amorosa é o que narra o primeiro encontro do protagonista com Otacília, sua futura mulher, na Fazenda Santa Catarina.

¹¹ *Ibid.*, p. 49.

Trata-se de uma antecipação de evento ocorrido muito depois, já que o encontro com Otacília, assim como a travessia do Liso do Sussuarão, encaixa-se na sequência de acontecimentos da segunda parte de *Grande sertão: veredas*, posterior à morte de Joca Ramiro. Como Riobaldo e Diadorim chegam à fazenda Santa Catarina acompanhados de poucos homens, em busca do bando de Medeiro Vaz, o leitor percebe que o episódio recordado pelo narrador ocorre pouco antes daquela outra antecipação, já narrada, na qual Medeiro Vaz aparecia como o chefe que conduz o bando para atravessar o Liso do Sussuarão.

Entrecruzada à trama épica, em momento que gira em torno da primeira experiência de Riobaldo à espera de uma batalha, a antecipação do episódio do encontro com Otacília me parece ter duas funções distintas. A primeira diz respeito ao tema especulativo do romance, que é a questão da alternativa “Deus ou o diabo”. Pois, simbolicamente, a descrição da Fazenda Santa Catarina contrasta com a situação infernal do acampamento sob a chefia do Hermógenes, chefe apontado como verdadeira encarnação do diabo, situação na qual predominam o ódio, a feiura e a violência, como impulsos que ameaçam se sobrepor ao amor e ao prazer da companhia de Diadorim. Nesse sentido, não é à toa que a descrição inicial da fazenda menciona quatro vezes a palavra céu:

A Fazenda Santa Catarina era perto do céu – um céu azul no repintado, com as nuvens que não se removem. A gente estava em maio. [...] A frente da fazenda, num tombado, respeitava para o espigão, para o céu. Entre os currais e o céu, tinha só um gramado limpo e uma restinga de cerrado, de donde descem borboletas brancas, que passam entre as réguas da cerca. (GSV, p. 139).

A impressão de uma situação idílica, um céu na terra, isolado das atribulações da guerra, fora do tempo, é suscitada pela frase “Ali, a gente não vê o virar das horas.” O lugar descrito se liga, afetivamente, tanto ao presente do narrador quanto ao passado em que ele mesmo quando jovem aparece como protagonista da narração. Pois, por um lado, o canto de um pássaro e o cheiro de uma planta se gravam na memória de Riobaldo até o presente: “a fogo-apagou sempre cantava, sempre. Para mim, até hoje, o canto da fogo-apagou tem um cheiro de folhas de assapeixe”. Por outro lado, o “valor viável” que ele enxerga em atividades simples como a tiração de leite e a criação de porcos lhe desperta saudades da fazenda de São Gregório, onde passara a juventude, e junto com essa saudade a “vontade vã de ser dono de meu chão, meu por

posse e continuados trabalhos” (p. 140). Essa vontade de ser fazendeiro me parece tanto uma indicação do destino do narrador, depois de deixar a vida de jagunço, quanto uma preparação para o encontro dele, como protagonista da rememoração, com sua futura mulher, moça da casa-grande, filha de fazendeiros. O ambiente agradável (“O ar dos gerais, o senhor sabe. Tomamos farto leite. Trouxeram café para nós, em xicrinhas...”) anuncia, na situação descrita, uma impressão de alegria tranquila que combina com o aparecimento da moça “risonha e descritiva de bonita [...], fina de recanto, em seu realce de mocidade, mimo de alecrim, a firme presença” (p. 140).

No entanto, trata-se também de um episódio de conflito entre Riobaldo e Diadorim. Quanto ao desenvolvimento da trama amorosa principal do romance, esse novo encontro amoroso de Riobaldo é decisivo justamente porque mostra um momento em que a descoberta de outro amor revela a possibilidade de destino diferente para o protagonista. Essa é a segunda função do episódio, à qual me referi antes: modificar o equilíbrio da trama amorosa, abrindo um novo caminho.

A primeira referência a Diadorim na Fazenda Santa Catarina se dá no próprio diálogo do protagonista com Otacília: “Aí, falei dos pássaros, que tratavam de seu voar antes do mormaço. Aquela visão dos pássaros, aquele assunto de Deus, Diadorim era quem tinha me ensinado. Mas Diadorim agora estava afastado, amuado, longe num emperreio” (p. 140). Ou seja, ao falar de coisas bonitas, para agradecer a moça da fazenda, Riobaldo se dá conta de que está repetindo algo que Diadorim lhe ensinou e com isso reproduzindo o mesmo tipo de conversa que fez parte, desde o primeiro encontro, da relação deles dois. A evocação amorosa da beleza pode ser um “assunto de Deus”, mas o fato de ele se dar conta de quem o ensinara aquilo provoca um sentimento obscuro de culpa ou remorso.

O singelo diálogo, em seguida, gira em torno de uma flor branca, que sobressaía num canteiro de jardim, e cujo nome Riobaldo pergunta. Ao lhe responder que ela se chama “Casa-comigo”, Otacília demonstra gostar dele, porque esse era o nome “para os namorados respondido somente” (p. 141). Mas o prazer dessa constatação se mistura ao remorso que o faz chamar para perto Diadorim, e quando este resolve perguntar o nome da mesma flor, recebe de Otacília outra resposta: “Ela se chama é liriliro”.

O comentário do narrador a respeito da diferença nas respostas é ambíguo, porque demonstra a mistura de sentimentos contraditórios nos três envolvidos nessa cena. Quanto ao que o próprio Riobaldo sentia, ele observa: “Digo ao senhor que alegria que me deu. Ela não gostava de Diadorim – e ele tão

bonito moço, tão esmerado e prezável. Aquilo para mim parecia um milagre.” Conscientemente, portanto, ele se alegra de saber-se preferido por Otacília, mas talvez inconscientemente denuncie sua atração física por seu amigo jagunço. Por outro lado, no que diz respeito ao encontro entre Diadorim e Otacília, fica evidente que o afeto por Riobaldo é acompanhada de um desafeto recíproco. Nos olhos de Otacília, ele vê “asco, antipatias, quando em olhar eles dois não se encontraram”. Já sobre Diadorim ele diz: “Me fez medo. Ele estava com meia raiva. O que é dose de ódio – que vai buscar outros ódios” (p. 141).

A identificação do sentimento que toma conta de Diadorim conduz o narrador a um problema que me parece fundamental para a construção da trama amorosa do romance: “Diadorim era mais do ódio do que do amor?”. A pergunta diz respeito à ambiguidade que caracteriza o personagem – bom ou mau, de Deus ou do demônio, delicado ou terrível. Aquele ódio, impulso voltado para a morte e a violência, é o lado de Diadorim que prende Riobaldo à vida de jagunço e que se reforça com a exigência de vingança.

Ora, o ódio era exatamente o que estava em causa no acampamento do Hermógenes. Não é à toa que o episódio antecipado da Fazenda Santa Catarina surge, no fluxo da memória do narrador, quando ele está falando justamente desse sentimento. A princípio, trata-se do ódio que ele mesmo sentia pelo Hermógenes, “felão de mau”, “matador”, em quem ele desejava descarregar tiros “entre todos os olhos” (p. 139). Do mesmo modo que esse ódio ligado à violência e à morte parece tomar conta do pensamento de Riobaldo naquele momento, nos episódios da trama amorosa é justamente esse o sentimento suscitado em Diadorim pelo ciúme.

O conflito sentimental que aparece no episódio da Fazenda Santa Catarina tem um evidente paralelo com aquele que já mencionei, do encontro amoroso com Nhorinhá, antes da travessia do Liso do Sussuarão. Nos dois casos, o protagonista se relaciona com uma moça e, em consequência disso, enfrenta o ciúme e a raiva de Diadorim, sentimentos que provocam uma ameaça de morte. Mas se, no caso do encontro com Nhorinhá, a ameaça de morte é dirigida à mãe da moça, agora ela diz respeito ao próprio Riobaldo, que se vê assim exposto diretamente a um impulso terrível e violento, alimentado pelo ódio.

Ao contar o episódio do encontro com Otacília, o narrador faz um comentário que tem a intenção e explicar a seu interlocutor que ele estava acostumado, àquela altura, com o ciúme de Diadorim: “Que Diadorim tinha ciúme de mim com qualquer mulher, eu já sabia, fazia tempo, até. Quase desde o princípio” (p. 141). Durante a convivência deles nos acampamentos dos jagunços, tinha chegado a haver a exigência de um trato segundo o qual os

dois não botariam a mão em mulher nenhuma. O tema já tinha aparecido no caso do encontro com Nhorinhá, narrado antes, uma das ocasiões nas quais Riobaldo quebra esse trato. Cito novamente a reação de Diadorim, quando os dois conversam sobre isso: “Já sei que você esteve com a moça filha dela...” – ele respondeu, seco, quase num chio. Dente de cobra. Aí, entendi o que pra verdade: que Diadorim me queria tanto bem, que o ciúme dele por mim também se alteava” (p. 33). A retomada do tema, no episódio referente a Otacília, é semelhante: “– ‘Riobaldo, você está gostando dessa moça?’. Aí era Diadorim, meio deitado meio levantado, o assopro do rosto dele me procurando. Deu para eu ver que ele estava branco de transtornado? A voz dele vinha pelos dentes” (p. 144). Nos dois casos, a raiva associada ao ciúme se manifesta no jeito de falar, pelos dentes, num chio, como que de cobra pronta a dar o bote.

Mas considero que, apesar da semelhança entre as duas cenas, há duas diferenças importantes que se destacam na comparação dos encontros amorosos que provocam o ciúme, e com isso o ódio de Diadorim. A primeira diz respeito às espécies de amor que cada personagem representa, já que o encontro com Nhorinhá é de natureza sexual, pelo menos aparentemente um evento fortuito, ligado ao desejo e não ao amor. Depois o narrador falará também do seu amor por Nhorinhá e de uma carta dela que chegou com anos de atraso (p. 77), mas naquele momento o ciúme dizia respeito à relação carnal com uma prostituta, situação que leva o ciumento a uma afirmação relativa a alguma coisa já ocorrida, no passado: “...você esteve com a moça”. Em contrapartida, o encontro com Otacília é como uma promessa de noivado, ligado ao amor romântico, por isso provoca uma pergunta no presente: “...você está gostando dessa moça?”.

Embora Riobaldo responda negativamente, mentindo sobre estar gostando de Otacília, ele é confrontado por outra pergunta: “Você sabe do seu destino, Riobaldo?” (p. 144.) O narrador conta que não respondeu, mas que “deu para eu ver o punhal na mão dele, meio ocultado”. Portanto, assim como no caso de Nhorinhá, o ciúme e a raiva de Diadorim estão por trás de um ímpeto assassino. O narrador conta que não teve medo de morrer, não tremeu, mas que Diadorim reperguntou aquilo – “Você sabe do seu destino, Riobaldo?” –, já ajoelhado, na beira dele, com o punhal.

“Se nanja, sei não. O demônio sabe...” (p. 145) – é a resposta que o protagonista dá. E considero que essa resposta se vincula, na verdade, a uma outra pergunta que o próprio narrador tinha formulado antes, ao falar do ódio que notou em Diadorim durante a conversa com Otacília sobre a flor do jardim: “Diadorim era mais do ódio do que do amor?”. Trata-se de uma versão, em termos de sentimento, da pergunta “De Deus, do demo?”, formulada logo

depois da narração do primeiro encontro com o Menino, a respeito daquela “coragem inteirada” que ele demonstra (p. 84)

Desse modo, o desfecho do tenso diálogo noturno, sob a ameaça de um punhal, recupera justamente o tema especulativo central do romance: “Me diga o senhor: por que, naquela extrema hora, eu não disse o nome de Deus? Ah, não sei. Não me lembrei do poder da cruz, não fiz esconjuro. Cumpri como se deu. Como o diabo obedece – vivo no momento.” A invocação “o demônio sabe” leva Diadorim a encolher o braço e se deitar outra vez, mas “os olhos dele dançar produziam, de estar brilhando. E ele devia de estar mordendo o correia de couro” (p. 145).

Chamo a atenção, nesse conflito amoroso, para o uso do termo “destino”, que se repete na estranha e ameaçadora pergunta de Diadorim. O termo por ele usado indica o quanto o destino de Riobaldo estava amarrado ao seu, por amor e por vingança. O próprio narrador, consciente disso, usará a expressão “destino preso”, ecoada por “sentimento preso”, ao se perguntar, no final do episódio que se passa na Fazenda Santa Catarina: “Por que eu não podia ficar lá, desde vez? Por que era que eu precisava de ir por adiante, com Diadorim e os companheiros, atrás de sorte e morte, nestes Gerais meus?” (p. 146). Afinal, ele poderia ter escolhido deixar a vida de jagunço, como ameaça fazer várias vezes durante a narrativa, a fim de se tornar um fazendeiro e se casar com Otacília. Ou não poderia?

É importante notar, portanto, que Riobaldo também usa o termo “destino” quando conta, antes desse momento da partida, que decidiu, apesar da reação raivosa de Diadorim carregada de ódio e de ciúme, propor o casamento com a moça da Fazenda Santa Catarina: “Mas eu cacei melhor coragem, e pedi meu destino a Otacília. E ela, por alegria minha, disse que havia de gostar era só de mim, e que o tempo que carecesse me esperava, até que, para o trato de nosso casamento, eu pudesse vir com jus.” (p. 146).

Retomando a comparação com o episódio relativo a Nhorinhá, noto que a semelhança de estrutura – encontro, conflito motivado pelo ciúme, partida na companhia de Diadorim – inclui uma diferença quanto à caracterização dos amores de Riobaldo. Quando ele pede seu destino a Otacília, a ideia aparece não só como possível indicação do futuro do protagonista, porque já marcada pelo presente do narrador, mas também como decisão que mostra Riobaldo dono de si mesmo, apesar de Diadorim. Sendo assim, o amor de Otacília se mostra como possibilidade de um outro destino em relação àquele destino preso que liga o protagonista ao amor misturado com ódio, ao amor que é também compromisso com a morte.

Mas não posso deixar de mencionar a esse respeito, levando em conta aquela dialética entre o amor carnal e o espiritual analisada por Benedito Nunes, que em certo momento Nhorinhá se mostrara para o narrador, do mesmo modo que Otacília, como essa possibilidade de outro destino, caminho que permitiria escapar do desfecho trágico de sua história com Diadorim. Bem antes de narrar o episódio da Fazenda Santa Catarina, Riobaldo conta que recebeu uma carta de Nhorinhá endereçada a ele, mas que a tal carta demorou oito anos para alcançá-lo, pois ficou vagando de mão em mão pela vastidão do mundo sertanejo. Como já estava casado com Otacília ao receber a carta, ele comenta: “Gosto de minha mulher, sempre gostei, e hoje mais. Quando conheci de olhos e mãos essa Nhorinhá, gostei dela só o trivial do momento. Quando ela escreveu a carta, ela estava gostando de mim, de certo...” (p. 77). A questão é que, ao receber a carta oito anos depois daquele encontro, num tempo em que a remetente talvez nem gostasse mais dele ou talvez estivesse até morta, ele vê que “estava gostando dela, de grande amor em lavaredas; mas gostando de todo tempo, até daquele tempo pequeno em que com ela estive, na Aroeirinha, e conheci, concernente amor” (p. 77). Sua reflexão, neste momento, diz respeito aos descaminhos do sentimento, tema “difícil, muito entrançado”, sobre o qual faz perguntas ao seu interlocutor, dizendo invejar sua instrução.

Ora, essa reflexão sobre a carta de Nhorinhá está por trás de outra, feita muito depois, a respeito dos caminhos e descaminhos do destino. Riobaldo especula, já no final do romance, pouco antes de narrar o desfecho trágico da trama amorosa, sobre um possível reencontro com Nhorinhá, pois estava passando perto de onde a tinha conhecido. Ele diz: “Segunda vez com Nhorinhá, sabível sei, então minha vida virava por entre outros morros, seguindo para diverso desemboque” (p. 374). Ele imagina então que havia de “casar feliz com Nhorinhá, como o belo do azul”, pensando assim em uma possibilidade de que “o caminho demudasse, de modo que “o que aconteceu não tivesse acontecido”. A formulação da pergunta mostra sua intrincada conexão temporal: “Como havia de ter sido a ser?”.

A possibilidade que se abre na imaginação de Riobaldo, como indício de um outro destino, o leva a concluir:

Memórias que não me dão fundamento. O passado – é ossos em redor de ninho de coruja... [...] se eu tivesse permanecido no São Josêzinho, e deixado por feliz a chefia em que eu era o Urutú-Branco, quantas coisas terríveis o vento-das-núvens havia de desmanchar, para não sucederem? Possível o que é – possível o que foi. (GSV, p. 374).

Essa consideração que menciona o nome Urutú-Branco, assumido por Riobaldo quando ele se torna chefe do bando jagunço, recupera uma autodefinição do narrador que aparece no início do romance, centenas de páginas antes. Sem explicar ainda de quem se tratava, em enumeração dos vários chefes jagunços que conheceu, ele diz a respeito de si mesmo: “E o “Urutú-Branco”? Ah, não me fale. Ah, esse... tristonho levado, que foi – que era um pobre menino do destino...” (p. 20).

Um Diadorim só pra mim

As reflexões mais explícitas sobre o amor disfarçado em amizade, feitas no episódio do reencontro com o Menino que comentei no início deste ensaio, voltam à tona muito depois, quando Riobaldo conta o momento exato em que ele próprio, no passado, tomou consciência do que sentia. Ou seja, o sentimento que é tantas vezes mencionado pelo narrador, ao longo de sua lembrança, não era reconhecido por ele até aquele momento: o protagonista da narrativa não tinha consciência do que sentia. Essa tomada de consciência do amor se situa no meio do romance, pouco antes da notícia da morte de Joca Ramiro que leva à guerra de vingança contra os bandos liderados por seus assassinos Hermógenes e Ricardão.

O episódio tem algumas semelhanças com os anteriores que fazem parte da trama amorosa, o do reencontro com o Menino, e o da Fazenda Santa Catarina, pois se dá num momento de intervalo na trama épica, de suspensão das atribuições da vida de jagunço. Depois de uma série de batalhas e viagens pelo sertão, um pequeno bando se encontra em lugar idílico, tranquilo, isolado das complicações da vida comum. O “lugar perto da Guararavacã do Guaiçui” oferece “bondosos dias”, com “madrugar vagaroso, validado” (p. 208).

Riobaldo conta: “Aquele lugar, o ar. Primeiro, fiquei sabendo que gostava de Diadorim – de amor mesmo amor, mal encoberto em amizade. Me a mim, foi de repente, que aquilo se esclareceu: falei comigo. Não tive assombro, não achei ruim, não me reprovei – na hora” (p. 210). Ele descreve, portanto, um momento repentino de aceitação e de entrega apaixonada, em que o objeto amoroso se divide em dois:

O nome de Diadorim, que eu tinha falado, permaneceu em mim. Me abracei com ele. Mel se sente é todo lambente – “Diadorim, meu amor...” Como era que eu podia dizer aquilo? Explico ao senhor: como se drede fosse para eu não ter vergonha maior, o pensamento dele que em mim correu

figurava diferente, um Diadorim assim meio singular, por fantasma, apartado completo do viver comum, desmisturado de todos, de todas as outras pessoas – como quando a chuva entre-onde-os-campos. Um Diadorim só para mim. Tudo tem seus mistérios. [...] Aquela hora, eu pudesse morrer, não me importava. (GSV, p. 211).

Se, na plenitude dessa entrega amorosa, o ser amado se torna uma imagem idealizada, que se eleva ao plano espiritual, em seguida o protagonista sente necessidade de procurar o Diadorim “de carne e osso”, que está na beira de um fogo, na companhia de outros jagunços, e até se espanta com a intensidade do olhar de Riobaldo. O narrador diz que pretendia olhar até “gastar a imagem falsa do outro Diadorim”, por ele inventado, a fim de se certificar daquele sentimento de que se dera conta. E, ao ficar novamente sozinho, depois dessa confirmação, ele avalia que estava perdido. Impunha-se assim, de acordo com sua visão de mundo, a interdição àquele amor entre homens, jagunços, num ambiente regido pela violência e pela norma da masculinidade.

Riobaldo faz questão de explicar a seu interlocutor: “Acertei minha idéia: eu não podia, por lei de rei, admitir o extrato daquilo. Ia, por paz de honra e tenência, sacar esquecimento daquilo de mim”. Conclusão: ou ele esquecia, ou se matava, ou fugia: “Se não, pudesse não, ah, mas então eu devia de quebrar o morro: acabar comigo! – com uma bala no lado de minha cabeça, eu num átimo punha barra em tudo. Ou eu fugia – virava longe no mundo, pisava nos espaços, fazia todas as estradas.” E chegar a essa conclusão lhe dá consolo, a ponto de ele se considerar “meio salvo!” (p. 212).

Nesse momento, portanto, amor e morte se aproximam. Em *As formas do falso*, Walnice Galvão comenta, sobre o amor proibido de Riobaldo:

O laço que o prende para sempre a Diadorim tem duplo conteúdo. É um laço de amor ao mesmo tempo que de morte: amor mútuo e mútuo contrato de matar os inimigos. É um laço concebido e desenvolvido sob o signo de Deus e do Diabo: revela ao mesmo tempo tudo aquilo que o homem tem de bom e tudo aquilo que tem de mau.¹²

Só que Riobaldo não se mata, nem foge, depois de tomar consciência do que sentia. Ele continua no bando, mas passa a dizer sempre, calado consigo, quando está perto de Diadorim: “Nego que gosto de você, no mal. Gosto,

12 Walnice Galvão. *As formas do falso*, p. 100.

mas só como amigo” (p. 212). Ao contar isso, o narrador lembra então de uns lugares, nos Gerais, em que “encostando o ouvido no chão se escuta o barulho de fortes águas, que vão rolando dentro da terra”, alegoria do fluxo subterrâneo, escondido, por trás da superfície dos acontecimentos. “O senhor dorme sobre um rio?” (p. 212), ele pergunta.

Pensando no impacto dessa alegoria, lembro que no episódio da Fazenda Santa Catarina ocorre uma antecipação – embora disfarçada como imagem ainda sem o referente de uma situação específica – do segredo que é revelado apenas no final do romance. Riobaldo reforça a ideia do amor por Diadorim como “destino dado” (p. 104), e ao mesmo tempo indica a trágica relação entre amor e morte, entrevista por meio do ódio:

Como foi que não tive um pressentimento? O senhor mesmo, o senhor pode imaginar de ver um corpo claro e virgem de moça, morto à mão, esfaqueado, tinto todo de seu sangue, e os lábios da boca descorados no branquiço, os olhos dum terminado estilo, meio abertos meio fechados? E essa moça de quem o senhor gostou, que era um destino e uma surda esperança em sua vida?! Ah, Diadorim... E tantos anos já se passaram. (GSV, p. 141)

Símbolo máximo da ambiguidade, Diadorim é um personagem dúbio em vários sentidos, ou em vários níveis. Em primeiro lugar, há uma dubiedade de gênero, por se tratar de um corpo de mulher travestido de homem, com identidade masculina. Na elaboração literária da dubiedade sexual, ética e sentimental de Diadorim, o autor mobiliza o mito da Criança Primordial e a ideia do andrógino. Em segundo lugar, há uma ambiguidade do sentimento despertado, mistura de atração sexual e de plena amizade, de desejo apaixonado e de paixão romântica, de amor carnal e de amor espiritual. Em terceiro lugar, nota-se uma ambiguidade na atitude, uma vez que os elementos feminino e masculino fazem parte da caracterização da própria identidade do jagunço Reinaldo-Diadorim, ao mesmo tempo delicado e terrível, afetuoso e violento, asseado e sanguinário, em momentos de paz dotado de um olhar poético para a beleza dos pássaros e, quando luta, de uma ferocidade de animal selvagem. Valentia e ferocidade, suas virtudes guerreiras, o destacam no mundo masculino dos jagunços, como sinais de virilidade, mas o traço viril, que desperta também o fascínio de Riobaldo, representa a ambiguidade entre o amor e a morte, ou entre a pulsão vital amorosa e a pulsão de morte. Diadorim é ao mesmo tempo o ser amado, no qual o desejo projetaria uma promessa de felicidade, e a imposição da vingança, do compromisso com a

morte. Essa ambivalência da atitude, ligada ao tema do medo e da coragem, evoca na narrativa de Riobaldo a referência constante do dilema metafísico-religioso: Deus ou o Diabo, o Bem ou o Mal. No desenvolvimento do enredo, no fluxo da narrativa, os traços dúbios de Diadorim configuram um movimento de oscilação no qual os opostos (masculino e feminino, delicadeza e ferocidade, desejo carnal e amor espiritual, Deus e o diabo) se encontram sempre misturados, sobrepostos, um dentro do outro.

Referências bibliográficas

- ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. O mundo misturado: romance e experiência em Guimarães Rosa. In: ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 22ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. O mundo misturado: romance e experiência em Guimarães Rosa. *Novos Estudos/CEBRAP*, São Paulo, n. 40, p. 7-29, nov. 1994.
- CANDIDO, Antonio. *Tese e Antítese*, Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- CAVALCANTI PROENÇA, Manuel. *Augusto dos anjos e outros ensaios*. Rio: José Olímpio, 1959.
- Coutinho, Eduardo. O logos e o mythos no universo narrativo de *Grande sertão: veredas*. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 5, n. 10, p. 112-121, 1º sem. 2002, p. 115
- Galvão, Walnice. *As formas do falso*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- Galvão, Walnice. *Mitológica rosiana*. São Paulo: Ática, 1978.
- LAGES, S. K. *João Guimarães Rosa e a saudade*. São Paulo: Ateliê Editorial, FAPESP, 2002.
- LEITE, D. M. *O amor romântico e outros temas*. São Paulo: Editora Nacional/ EDUSP, 1979.
- MARTINS COSTA, Ana Luiza. Diadorim, delicado e terrível. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 5, n. 10, p. 38-52, 1º sem. 2002
- NUNES, Benedito. *A Rosa o que é de Rosa: literatura e filosofia em Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2013.
- NUNES, Benedito. *O Dorso do Tigre*. São Paulo: Editora 34, 2009.
- NUNES, Benedito. *Literatura e filosofia: (grande sertão: veredas)*. In: LIMA, Luiz Costa. *Teoria da literatura em suas fontes*. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 22ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ROSA, João Guimarães. *Ficção completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

ROSA, João Guimarães. *Correspondência com seu tradutor alemão Curt Meyer-Clason*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Editora da UFMG, 2003.

ROSA, João Guimarães. *Correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri*. São Paulo: Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, 2003.

Santiago, Silviano. *Genealogia da ferocidade*. Recife: Cepe, 2017

Schwarz, Roberto. "Grande sertão: a fala". In: ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 22ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2019